

Encontro Pedagógico do Colégio Santa Cecília

Tema: Educação e Cultura

Fortaleza, 15 de janeiro de 2016.

O dono da história, o dono da aldeia e a dona do mundo

– uma relação possível entre educação e cultura –

por Fabiano dos Santos Piúba*

Bom dia!

Gostaria de compartilhar e desenvolver com vocês duas premissas ou defesas básicas. A primeira consiste em pensar a educação a partir do par experiência/sentido e a segunda em pensar a cultura como saber fazer/comum e solidariedade. Depois disso pretendo entrar em algumas provocações práticas de como podemos estabelecer o diálogo entre educação e cultura na escola.

Mas ocorre que me lembrei de algumas histórias – não consigo conversar sem imagens de pensamentos – que necessito compartilhar com vocês, porque como já disse Bartolomeu de Campos Queiroz, “ninguém dá conta da beleza sozinho. Precisamos do outro para compartilhar a beleza do mundo”. Bonito, dizia ele, é quando vemos um pôr-do-sol sozinho e pensamos: “Quem devia estar aqui não era eu e sim fulano de tal”. Aí pensamos num bem-querer que gostaríamos de estar conosco naquele momento compartilhando aquela beleza porque não damos conta sozinho, precisamos do outro. Então lembrei de meus percursos com minha avó Maria Rita da Anunciação Medeiros Dantas nos caminhos para pescar piabas ou irmos ao cemitério, lembrei de um conto de Eduardo Galeano e de uma entrevista do indianista Orlando Villa-Bôas.

*

Minha avó era a maior contadora de histórias do mundo e eu estava ali, na barra de seu vestido. Ela contava histórias encantando palavras e a gente se desprendia da gente para ouvirmos suas histórias. Vovó gostava de contar histórias porque a gente gostava de ouvir. Aliás, a arte de contar histórias consiste também na arte de ouvir. É aí que se dá a transmissão de saberes. A minha avó era a “dona” da história, contando histórias de sua vida e das vidas dos que vieram antes dela, contando histórias de trancoso e de

encantamentos, contando histórias da Bíblia e histórias que passavam de boca em boca, de geração em geração até chegar a ela e a nós, seus netos. Histórias que encontrei depois – algumas delas – nos livros de Câmara Cascudo ou Sílvio Romero. Minha avó foi a minha primeira *Mestra da Cultura* com seus saberes que trazia de outros tempos de antes de eu nascer. Podemos chamar isso também de amor, mas também podemos chamar isso de cultura.

*

O conto de Eduardo Galeano se chama “A função da arte /1” e vou abrir o livro para ler em voz alta para vocês:

*Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar.
Viajaram para o Sul.*

Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando.

Quando o menino e o pai, enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto o seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza.

*E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai:
– Me ajuda a olhar!*

*

A entrevista de Orlando Villa-Bôas li na década de 1990. Perguntaram para ele como ele via a sociedade indígena e ele assim respondeu: “Na sociedade indígena, o velho é o dono da história, o adulto é o dono da aldeia e a criança é a dona do mundo.” Lembrei dessa entrevista porque a considero uma síntese linda para pensarmos sobre a relação dialógica entre educação e cultura. Encontramos nessa síntese e, ao mesmo tempo, uma visão de memória/saber, de lugar/espço e de mundo/cosmo. Em outras palavras, uma visão cosmológica que muito pode nos dizer e nos ensinar sobre a dimensão da cultura e da educação na formação humana.

Mas vamos às duas premissas.

I - Educação/formação – *pensar a educação a partir do par experiência/sentido.*

Todos nós aqui somos conhecedores dos sentidos técnico e pedagógico da educação nos processos de ensino-aprendizagem e da relevância dessas perspectivas nas reflexões e em nossas práticas no dia a dia da escola e das salas de aulas. Não pretendo me enveredar por esse caminho tão presente em nossas vidas como professor, professora, educador e educadora. Nossa proposta é pensarmos a educação a partir do par experiência/sentido em consonância com o filósofo e educador espanhol Jorge Larrosa.

A Experiência

Jorge Larrosa gosta muito de burilar a palavra *experiência*. Para ele, a própria palavra *experiência* nos ensina coisas. Ela vem do latim *experiri* e seu radical pode nos levar a ideia de relação, perigo, travessia, passagem, viagem. Para Larrosa, a experiência é cada vez mais rara, por falta de tempo e pela ânsia da pressa nos dias de hoje. Por isso mesmo, a experiência requer outro tipo de tempo e de espaço, que chamo vagar. Precisamos vagar para sentir o tempo da experiência. Mas deixemos o Jorge Larrosa com a voz. Num artigo intitulado *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*, ele escreve: “A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.”

Se a experiência é o que nos passa, o que nos atravessa, o que nos acontece, o que nos toca, a experiência da educação só pode ser uma experiência de formação, ou, se preferirmos, uma viagem aberta de transformação. Trata-se de entrarmos e sairmos outros a partir dos encontros com o outro, com o mundo e consigo mesmo. Somos uma espécie de Alice no país das maravilhas ou de Teseu no seu encontro com o Minotauro no Labirinto de Creta.

Os sentidos – o saber da experiência tem a ver com a elaboração de sentidos

O saber da experiência se dá na relação entre o conhecimento e a vida humana, numa mediação entre a vida e o conhecimento. Entre a vida e o mundo. É isso que estamos propondo aqui: pensarmos a educação a partir do par experiência/sentido. Compreendendo sentido aqui, como atribuições de sentidos à vida, ao mundo e a nós mesmos. Nossa tarefa, segundo o poeta americano Walt Whitman – é ler o mundo. Ou, conforme Alberto Manguel em seu livro *Uma história da leitura*: “Todos nós lemos a nós próprios e ao mundo à nossa volta para vislumbrarmos o que somos e onde estamos. Lemos para compreender ou para começar a compreender.” Ou seja, lemos o mundo e a nós mesmos para darmos sentido ao mundo e a vida. Isso nos remete ao poema *Infância* de Carlos Drummond de Andrade:

Meu pai montava a cavalo, ia para o campo.
Minha mãe ficava sentada cosendo.
Meu irmão pequeno dormia.
Eu sozinho menino entre as mangueiras
lia a história de Robinson Crusoe.
Comprida história que não acaba mais.
No meio-dia branco de luz uma voz que aprendeu
A ninar nos longes da senzala – e nunca se esqueceu
Chamava para o café.
Café preto que nem a preta velha
café gostoso
café bom.
Minha mãe ficava sentada cosendo
olhando para mim:
— Psiu... Não acorde o menino.
Para o berço onde pousou um mosquito.
E dava um suspiro... que fundo!
Lá longe meu pai campeava
no mato sem fim da fazenda.
E eu não sabia que minha história
era mais bonita que a de Robinson Crusoe.

II - Cultura – *pensar a cultura como saber fazer/comum*

Em linhas bem rápidas e gerais podemos destacar e sintetizar cinco conceitos de cultura ao longo do tempo: 1. A cultura como cultivo (século XVI); 2. A cultura como civilização e civilidade (a partir do século XVII com o iluminismo e as ideias de evolução e progresso); 3. A cultura como modo de vida (Século XIX na Alemanha); 4. A cultura como arte (Pós Revolução Industrial – final do século XIX); e 5. O conceito antropológico de cultura que abrange objetos e conjuntos simbólicos – valores, crenças, normas, modos de fazer etc. – criados pelo ser humano, que viabilizam e dão sentido à vida social, além de alimentar a construção de identidades coletivas. Nessa perspectiva existe a defesa da diversidade cultural. Ou seja, não há cultura e sim culturas.

Particularmente, gosto de pensar a cultura como um saber/fazer comum, a cultura como um bem comum. Mas do que pensá-la em seu viés civilizatório, gosto de pensar a cultura como solidariedade por seu potencial de transformação humana e social. Tem uma imagem de pensamento que gosto muito a partir de uma história do poeta espanhol Antonio Machado, que diz ter aprendido com um camponês analfabeto de seu povoado em Andaluzia que “Todo o que sabemos, sabemos entre todos”. Este é o sentido mais potente que percebo na percepção do conceito de cultura que chamo de solidariedade. Da cultura como solidariedade. Nesses termos ela é feita e criada nas mais diversas expressões e manifestações, nos mais diversos saberes e fazeres, nas mais diversas técnicas e suportes para ser compartilhada entre e para todos.

III - Onde educação e cultura se encontram

O sistema educacional deve estar mais aberto para a diversidade cultural e para o patrimônio cultural. Segundo o educador e filósofo espanhol Jorge Larrosa, “educação sem cultura é só adestramento”. Nesses termos, a aproximação entre educação e cultura implica em uma articulação da escola com outros espaços culturais que são também ambientes de conhecimento, tais como equipamentos e projetos de cultura. Essa possível aliança pode trazer bons resultados e impactos positivamente efetivos na aprendizagem dos alunos, sejam eles crianças ou adolescentes, mas também nas práticas pedagógicas e nos processos de ensino-aprendizagem dos professores. Aproveito aqui para entrarmos mais diretamente nas práticas pedagógicas em torno dos diálogos possíveis em torno da educação e da cultura, que possam estar presentes em tempos e

situações na vida dos alunos e dos professores no sentido da ampliação dos repertórios culturais.

É cada vez mais imprescindível que seja feita a promoção do ambiente escolar como espaços de criação, fruição, produção e circulação cultural, fomentando conexões entre as experiências artísticas, estéticas e culturais com os projetos pedagógicos das escolas, passando pela educação patrimonial e museal; pela comunicação, tradição oral e cultura digital; pelas culturas indígena e afro-brasileira; pelo acesso ao livro e formação de leitores, valorizando a literatura e o espaço das bibliotecas; por intervenções artístico-experimentais nas escolas; pela experiência estética e formação de repertórios culturais para nossos professores; pela presença e circulação de saberes e ofícios dos mestres da cultura nas escolas; pela conexão criativa das escolas com os diversos equipamentos culturais e com os Pontos de Cultura.

Para tanto, talvez, fosse instigante vocês pensarem em um plano de cultura para escola, no sentido de ampliar a dimensão cultural da escola em seus processos de ensino-aprendizagem, mas também nas vidas dos sujeitos da comunidade escolar Santa Cecília. Pois, citando outra vez Jorge Larrosa, “educação sem cultura é só adestramento”. Talvez, e que tal, recuperarmos aquela imagem de pensamento do velho como o dono da história, o adulto como o dono da aldeia e a criança como a dona do mundo? Imagino que seria um belo mote para vocês pensarem um projeto de cultura para o Colégio Santa Cecília.

Por fim, não poderia terminar sem antes citar minha mestra Luiza de Teodoro que diz que “Educar é fazer cada um descobrir o que há de melhor em si.” Essa afirmação serve para mim como uma outra síntese possível do que penso e imagino sobre educação e formação.

Muito obrigado!

* **Fabiano dos Santos Piúba.** Doutor em Educação pela UFC e Mestre em História pela UFC. Escritor e poeta do grupo *Os Internos do Pátio*. Professor e Historiador. Adora ler músicas, livros, pinturas, danças, teatros, nuvens, serras, mares, homens e outros bichos. Também gosta de estudar Historiografia, Filosofia, Antropologia, Sociologia,

Pedagogia e outras gias. Não pode passar diante de uma Sorveteria que é arriscado acabar com todo o estoque de sorvetes de Açaí, Tapioca ou de Cajá.